



REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DO ENSINO DA SEXUALIDADE PARA SURDOS NO BRASIL.

Edson de Souza Lima¹

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar por meio da reflexão de situações sociais e históricas do processo educacional da sexualidade para surdos abordando questões sobre educação sexual e suas implicações na vida social, política e antropológica. Entender os elementos precursores da abordagem sexual na linguagem de Sinais Brasileira, segundo fatores históricos para reprodução da cultura hegemônica heteronormativa e, ao mesmo tempo, integrar através dela, outra mais profunda discussão no âmbito da repressão sexual imposta autoritária e hereditariamente na sociedade brasileira especialmente aos surdos como minoria social. Além de compreender questões de saúde pública do surdo no que diz respeito à sexualidade, por exemplo, incrementando debates sobre AIDS e demais IST's dentro da comunidade surda. Nesse estudo, pode-se observar a escassez das referências bibliográficas específicas e detalhadas sobre sexualidade e/ou educação sexual formalmente reflexiva dentro da abordagem na comunicação dos usuários de Libras e ouvintes sob o diálogo do tema citado. O método utilizado nesse artigo é pesquisa bibliográfica de alguns autores que abordam no âmbito regional, nacional e internacional o tema da sexualidade dos surdos em questão. Atualmente, o ensino da sexualidade para surdos perpassa caminhos heteronormativos e repressivos na cultura predominante no Brasil entendendo os diversos fatores da formação histórica da educação sexual nos termos assexualizante. Porém, discutir e pensar estratégias de mudança do pensamento através do conhecimento científico pode repercutir nos níveis municipais, estaduais e federais na criação ou alteração de Leis vigentes para promoção da vida sexual dos surdos oportunizando maior clareza, entendimento e liberdade. Promove-se assim, bem-estar social naqueles que sofreram historicamente repressão sexual.

Palavras-chave: Educação sexual, surdez, minorias sociais, pesquisa histórica.

ABSTRACT

This paper aims to analyze through the reflection of social situations and historical process of sexuality education for the deaf addressing questions about sex education and its implications for social, political and anthropological. Understanding the element of the approach precursors sexual Brazilian Sign Language, according to historical factors playing the hegemonic heteronormative culture and at the same time, integrate with it, a more profound discussion on the sexual repression imposed and inherently authoritarian in Brazilian society especially to deaf as a social minority. In addition to understanding public health issues of the deaf with regard to sexuality, for example, increasing discussions about AIDS and other STI's within the deaf community. In this study, we can observe the lack of specific references and detailed information about sexuality and/or sex education with in the formal reflective approach in communicating Pounds users and listeners in the dialogue of the issue cited. The method used in this article is literature survey of some authors that address the regional, national and international issue of the sexuality of the deaf in question. Currently, the teaching of sexuality permeates for the deaf and repressive ways heteronormative culture predominant in Brazil understand the various factors of the historical formation of sex education in terms assexualizante. However, to discuss strategies for change and think the thought through scientific knowledge can affect levels local, state and federal in

¹ ¹ Licenciando em Pedagogia, bolsista iniciação científica-CNPQ, Universidade Católica de Pernambuco, edsonlima88@yahoo.com.br





the creation or alteration of existing laws to promote the sex lives of deaf opportune clarity, understanding and freedom. Thus promotes well-being of those who historically have suffered sexual repression.

Keywords: Sex education, deafness, social minorities, historical research.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da educação formalizada, os surdos tiveram um papel passivo na aquisição do conhecimento sendo, diversas vezes, ocultados saberes fundamentais para a vida social, como elementos básicos da saúde, direitos e deveres constitucionais, segurança pública e qualificação profissional. Nessa época, os conceitos vinculados à comunidade surda perpassavam apenas sinais e/ou expressões adotados coletivamente com o objetivo mínimo de comunicação entre surdos e ouvintes.

Antigamente, acreditava-se que os surdos não tinham capacidade cognitiva de aprender a linguagem, além de outras formas de aprendizagem nos diversos aspectos sociais e antropológicos da vida em sociedade. Porém, com o tempo foi desmistificado qualquer interpretação errônea da compreensão do surdo sobre a linguagem e outros conhecimentos. Então, a partir do século XVI o monge Beneditino Pedro Ponce de León II inicia pioneiramente a educação formal dos surdos focalizando a linguagem escrita.

No Brasil, o ensino de surdos começa tardiamente em 1857 quando surge à primeira escola no Rio de Janeiro com o professor surdo chamado Ernest Huet apoiado por Dom Pedro II, nela utilizava-se a língua de sinais (FARIAS, 2008).

Os conceitos iniciais instruíam os surdos para vivências sociais limitadas excluindo gradualmente sua vida social a fim de submetê-los aos “guetos”. Nestes, se aprendia poucos conhecimentos baseados nas experiências ocorridas nas vidas dos sujeitos surdos. Daí, a sexualidade era empreendida nesses ambientes sociais onde se constituía repasses de comportamentos sexuais. Isso ocorria periodicamente nesses espaços incorporando aspectos heteronormativos reprimindo qualquer outra orientação sexual.

Inicialmente, podemos induzir das pesquisas históricas as diversas formas que a educação sexual desenvolve-se no decorrer dos anos especificamente para os surdos reprimidos sexualmente no processo assexualizante. A biculturalidade dos surdos fornece pressupostos para incorporação de valores históricos da sociedade repressora sexualmente, como adoção da padronização heteronormativa nos diversos ambientes culturais.





Além disso, essa miscigenação produz mais entraves profundos difíceis de serem observados no que diz respeito ao conceito de historicismo definido por Barros da seguinte forma: “O ponto de partida do Historicismo é uma visão específica e particular da história (e não universalizante), considerando os fatos históricos como únicos e não-repetíveis”(2005, p.207). Sendo assim, podemos considerar as diversas interpretações históricas de forma unifocal, ou seja, observadas convergentes pela classe dominante e principal responsável na manutenção do processo hegemônico das ações educativas no âmbito da sexualidade.

No passado, eram considerados como deficientes mentais, os surdos empregaram grandes lutas sociais na construção da identidade como seres humanos tão capazes cognitivamente quanto os ouvintes. Segundo Skliar(1997, p.115) alguns reprodutores da cultura hegemônica pertencente à classe dominante “definem-se os surdos como linguisticamente pobres, intelectualmente primitivos e concretos, socialmente isolados e psicologicamente imaturos e agressivos”. Essa visão preconceituosa predomina, algumas vezes, nos ambientes sociais onde estão inseridos os surdos.

Com o passar do tempo, os surdos foram desmistificados pelas transformações sociais incorporadas e orientadas por militantes ativistas da comunidade surda passando a ganhar voz ativa politicamente. Isso repercutiu em diversos espaços sociais para representar avanços da cultura surda. Nisso, a sexualidade começou a ser enxergada como fator importante nos valores dos surdos e em questões de saúde pública sendo gradualmente esclarecedora a educação sobre AIDS e demais IST's, gravidez precoce, orientação sexual e direitos cívicos.

ANÁLISE HISTÓRICO-SOCIAL DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA SURDOS

Historicamente, o surdo apresenta-se como sujeito participante da transformação de sua realidade social. No processo inicial de identificação e classificação nominal da surdez, o sujeito sofreu interpretações equivocadas sobre seus aspectos intelectuais, sociais e inter-relacionais proporcionando afastamento desordenado dos ouvintes que reprimiam a diferença e, conseqüentemente, exclusão.

No Brasil, a primeira instituição dos sujeitos surdos no Estado de Curitiba sob a perspectiva historicista pode nos fornecer reflexões acerca do tratamento incomum dos surdos. Os principais fatores que objetivava essa instituição foram ocultados dos agentes compositores motivando a insatisfação dos surdos nessa educação castradora. Existiam

diversas violências cometidas, inclusive sexuais, onde os surdos eram abusados por próprios alunos e/ou educadores. Por isso, havia um ambiente orientado pelo “medo e tensão contra práticas ouvintistas, nos mostra a tensão em relação ao poder dos sujeitos ouvintes para com os sujeitos surdos, que foram então vítimas”(STROBEL, 2008, p.114) desenvolvendo na pessoa com surdez deseducação sexual por causa do abuso e repressão repercutindo negativamente na interação social causando assim preconceitos sem precedentes.

Assim, a dificuldade do envolvimento sexual marcada na minoria social abordada reflete no aspecto interpessoal proporcionando, diversas vezes, um desenvolvimento biopsicossocial inconcluso, incoerente, tornando-se como diz Maia(2001, p. 40)

de certa maneira, limitado na sua manifestação social e comprometido na possibilidade de aprendizado e no processo de construção das representações subjetivas, da auto-imagem, da noção de estrutura corporal, do conhecimento das partes anatômicas, ou seja, nos processos psicossociais da sexualidade(apud Mattos 1995).

Alguns avanços da comunidade surda foram significativos na aquisição de autonomia e reconhecimento de capacidade cognitiva e emocional. O Código de Justiniano reconheceu legalmente o surdo devendo se apresentar para um juiz a fim de demonstrar seu desejo enquadrando-se numa categoria limitada prescrevendo a não postulação própria e precisando de tutela. Até o século XII o surdo não podia casar impedindo seu desenvolvimento biopsicossocial e reprimindo sua sexualidade(BECHE, 2005).

As interações sociais entre surdos e ouvintes influenciam aqueles para adquirir práticas e conceitos considerados ouvintistas, porque reproduz a realidade desses sem refletir as especificidades dos surdos. Segundo Perlin “no momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela desouvintização da representação da identidade”. (1998, p.64) Essa identidade é fundamental para distinguir suas potencialidades, vontades e características específicas de cada pessoa surda. Além disso, muitas vezes surge nesse momento indagações sobre a sexualidade que é reprimida por práticas ouvintistas. Daí torna-se importante a educação sexual para orientar sobre os diversos minuciosos e particulares interesses da sexualidade.

Na história da humanidade, confunde-se principalmente na infância e adolescência a surdez e outras deficiências com incapacidade de exercer a sexualidade plenamente(SINASON, 1993). Os filhos surdos são representados apenas pela surdez sem entender suas habilidades, sucessos e bem-estar social por ter uma vida sexual satisfatória. Assim, “a exploração e experimentação, tão essenciais para o desenvolvimento erótico-afetivo de qualquer pessoa, acabam sendo duplamente tolhidas no portador de deficiências que

confunde limitação com incapacidade” (Maia apud Pinel, 1993, p. 312). Dessa forma, é necessário entender que o surdo pode aprender a viver sua sexualidade espontaneamente sem interferir negativamente na e pela surdez simplesmente.

A negação da sexualidade para o surdo reflete na adoção de estigmas e dogmas no exercício dela. Num estudo com vários surdos constatou-se que a experiência histórica e cultural da comunidade surda inferiu diversos conceitos errôneos e incoerentes a respeito da sexualidade, principalmente informações da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, AIDS (Kennedy et al, 1995). Ao mesmo tempo, em outro estudo feito entre surdos e ouvintes observou-se que os estudantes com surdez obtiveram maior parte do conhecimento sobre AIDS de familiares e amigos mais do que os estudantes ouvintes (Heuttel et al, 2001). Isso demonstra a diversidade de conhecimentos e aprendizagens dos surdos na aquisição de informações da educação sexual que recebem de familiares, amigos e dentro do ambiente escolar. Além disso, em analogia entre esses estudos podemos compreender que a educação sexual é fundamental no desenvolvimento do indivíduo sob o aspecto biopsicossocial.

Diversos estudos estão sendo feitos nas últimas décadas sobre a conscientização da necessidade de educação sexual para surdos. Baker et al (1997) realizou um estudo com 129 estudantes questionando a respeito de assuntos da sexualidade, entre eles AIDS demonstrando limitações expressivas do conhecimento sobre o assunto, enfocando assim na urgência de ações práticas por meio da educação sexual para surdos.

Outra pesquisa elaborada nesse sentido no Estado do Ceará organizada pela Associação de surdos separou questionamentos por gênero demonstrando que os rapazes direcionavam os temas para IST's e uso de camisinha, já as garotas buscavam orientação sobre métodos anticoncepcionais (SOUZA & PAGLIUCA, 2002). Identificam-se as relações de gênero dos surdos em paralelo com os questionamentos dos ouvintes que aparentemente não se diferenciam nas dúvidas, indagações e questionamentos sobre os temas da sexualidade.

Num estudo realizado por Zagury (2002) sobre a sexualidade do surdo observou-se alguns elementos importantes na construção da identidade sexual, como o desinteresse em conversar dentro do ambiente familiar por parte dos rapazes fazendo isso com amigos frequentemente tirando principalmente dúvidas em relação aos assuntos da sexualidade. Em oposição, por outro lado, as meninas recebem mais orientações e restrições pela família não discutindo abertamente o assunto entre amigas. Além disso, nota-se que existe

algum conhecimento sobre os cuidados relacionados com doenças sexualmente transmissíveis e com gravidez, mas, dada a gravidade dessas questões, parecem ainda despreparados e, principalmente, muito interessados em conhecimentos (VALLE, 2005, p. 191)



Nesse sentido, a educação sexual para surdos nos diversos ambientes sociais torna-se assim fundamental na reconstrução do reconhecimento das identidades sexuais. Entender as questões relativas à sexualidade na vida do surdo é essencial no entendimento das dimensões psicossociais das pessoas dessa minoria emancipando valores e posições morais da abrangência histórico-social.

CAMINHOS ALTERNATIVOS NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE DOS SURDOS

Atualmente, a construção reflexiva e emancipatória da sexualidade dos surdos perpassam alguns empasses na formação da educação sexual específica e satisfatória, a fim de explicitá-los entendendo seus pressupostos sociais no Brasil, pode-se compreender os seguintes fatores:

inexistência da educação sexual, no contexto da educação institucional brasileira; ausência de profissionais surdos atuando em escolas; falta de profissionais com formação especializada e idônea na área de educação sexual; professores ouvintes que não são fluentes na LIBRAS atuando no processo educacional; escassez de material pedagógico em sinais; falta de planejamento, avaliação e reflexão constante do processo educacional com a participação de profissionais surdos; necessidade de elaboração de um currículo educacional com base na LIBRAS, incluindo a educação sexual, e que esteja em consonância com a cultura da comunidade surda brasileira.(FELTRINI, 2006, p. 12)

Esses empasses relacionam questionamentos do ensino de Libras nas escolas do Brasil envolvendo assim sexualidade dos surdos. Infelizmente, “ a educação sexual, ainda, revela grande dificuldade para ser implanta nas escolas, apresentando, apenas, a perspectiva de propiciar o conhecimento superficial”(LIMA; ALMEIDA, 2010, p.727). A dificuldade de implantação e manutenção em projetos de educação sexual no Brasil revela a repressão e imposição da hegemonia heterossexual frente à liberdade sexual de exercer plenamente qualquer orientação e identidade de gênero. Na vida dos surdos, a educação sexual precisa relacionar-se contextualizando suas vivências e práticas cotidianas a fim de proporcionar autonomia da identidade sexual sendo influenciada pelo ensino da sexualidade.

Muitas dúvidas surgem na adolescência do surdo perpetuando-se até a vida adulta quando pode ser esclarecida ou não. Segundo Glat(2004), os adolescentes surdos necessitam de

programas de educação e saúde que facilitem o acesso às informações e que privilegiem o sentido da visão, como a criação de vídeos com legendas.





Também é necessária a inserção de intérpretes de língua de sinais, para garantia da aquisição de informação e para os surdos não letrados... programas não devem ser apenas informativos, mas abrir um espaço de reflexão sobre a sexualidade como comportamento social e expressão da afetividade(p.34)

Os programas de educação e saúde são basicamente norteadores da sexualidade do surdo auxiliando num trabalho interativo entre família, escola e sociedade. Os profissionais especializados nesses programas fornecerão maior esclarecimento sendo fontes de consulta para entender aspectos específicos da sexualidade humana.

A discussão e a objetividade no entendimento de Infecções Sexualmente Transmissíveis-IST, especialmente a AIDS, vem orientando educadores e educandos na prevenção, intervenção e erradicação (quando possível) das mesmas com o objetivo de promover saúde e bem-estar à população surda. Infelizmente, a divulgação e acompanhamento em níveis municipais, estaduais e nacionais desses diálogos e reflexões não têm propiciado ajuda suficiente para todos que necessitam entender sua vida sexual inteiramente.

De acordo com Bisol(2006) as dificuldades linguísticas dos jovens surdos no que diz respeito à utilização de Libras na comunicação aumenta a complexidade ao reproduzir gestos com certo grau de desconforto entendendo seu significado e os sinais necessários para compreendê-lo. No Brasil, onde deveria existir maior liberdade para discussão de temas relacionados à sexualidade continua o problema dos pais possuírem conhecimento superficial em Libras e a falta de profissionais especializados da área de saúde para intervenção apropriada. A autora afirma ainda que a constituição do ser sexualizado deve ser pautada em “ autoestima, confiança, habilidade de se comunicar e de se relacionar com as outras pessoas, entendendo a sexualidade numa dimensão ampla e central na vida de qualquer sujeito”(p.44). Os surdos nesse contexto precisam ser inseridos como agentes ativos na transformação da sua realidade repercutindo maior conforto e bem-estar social.

O desenvolvimento de estratégias da educação sexual pautada no processo de assimilação da cultura surda para promoção de interesses voltados para a saúde pública dos surdos é fundamental sob o aspecto biopsicossocial. Por isso, o envolvimento político de (re)formulação e/ou implementação das Leis vigentes a fim de atender a população surda segundo as especificidades da educação sexual garante norteadores da vida sexual mais saudável.

As políticas públicas no combate a exclusão do surdo pode repensar elementos básicos da sexualidade para maior interação social entre os surdos e aos ouvintes respeitando e



compreendendo particularidades desses grupos sociais. Ao mesmo tempo, essas políticas precisam ser refletidas mutuamente com surdos e ouvintes no diálogo de construção e garantia de direitos a fim de fomentar guias de aplicabilidade da sexualidade dos surdos nos ambientes sociais orientados e entendidos pela educação sexual específica discutida na família, escola e sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de educação sexual pertinente aos surdos torna-se cada vez mais elaborado sob uma perspectiva transformadora transportando fatores essenciais na construção da identidade sexual. As experiências no decorrer do tempo leva-nos a refletir mecanismos de estruturação pautados no conhecimento sistêmico da sexualidade entendendo as especificidades dos surdos.

Ainda existe muita área para ser explorada cientificamente no campo da sexualidade dos surdos, especialmente no que diz respeito às informações orientadas pela família e escola, os espaços de sociabilização, aquisição e reprodução de conhecimentos na educação sexual, estudo de Leis específicas, entre outros.

A produção de artigos, dissertações e teses são insuficientes atualmente para transformar as dificuldades em soluções para bem-estar psicossocial dos surdos. Assim, o incentivo a pesquisa na área do ensino da sexualidade para surdos no Brasil deve aumentar suas proporções com o objetivo de alcançar o máximo de pessoas esclarecidas sobre seus direitos sexuais e reprodutivos.

Desta forma, reconhecer e incentivar o ensino da sexualidade dos surdos no Brasil torna-se fundamental na promoção de bem-estar social e entendimento geral do ser humano com surdez abrangendo todas as suas facetas como sujeito histórico participando ativamente da construção de sua identidade pessoal.

REFERÊNCIAS

BAKER DUNCAN, N. et al. Deaf adolescents' knowledge of AIDS: grade and gender effects. **American Annals of the Deaf**. v.142, n.5, p.378 – 372, 1997.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.



BECHE, Rose Clér Estivaleta. **A sexualidade do surdo: retalhos silenciosos na construção da sua identidade.** Dissertação de mestrado. Florianópolis, 2005.

BISOL, Cláudia Alquati. **Adolescer no contexto da surdez: questões sobre sexualidade.** Tese de doutoramento. UFRGS: Porto Alegre, 2008.

FARIAS, Rômulo Oliveira de. **Comunicação, sexualidade e surdez: produção de um vídeo educativo sobre direitos sexuais e reprodutivos para a comunidade surda de Juiz de Fora.** Trabalho de conclusão de curso, UFJF, Juiz de Fora, 2008.

FELTRINI, Gisele Morisson. Educação sexual para surdos. **Arqueiro.** Vol.13. Rio de Janeiro: INES, 2006.

GLAT, Rosana. **Saúde social, deficiência & juventude em risco.** Relatório de consultoria técnica: educação sexual, sexualidade, juventude, deficiência, depoimentos, inclusão social. Rio de Janeiro: Banco Mundial, 2004.

HEUTTEL, K.L. et al. HIV/AIDS knowledge and informations sources among deaf and hard of hearing college students. **American Annals of the Deaf.** v. 146, n.3, p.280 – 286, 2001.

KENNEDY, S.G. et al. HIV and AIDS among the deaf. **Sexuality and disability.** v.13, n.2, p.145-58, 1995.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. **Revista brasileira de educação especial,**v.7,n.1,2001.

PERLIN, Gládis T.T. Identidades surdas. In Skliar Carlos (org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

PINEL, A. C. A restauração da Vênus de Milo: dos mitos à realidade sexual da pessoa deficiente. In: RIBEIRO, M. (Org.) **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 307-325, 1993.

SINASON, Valerie. **Compreendendo seu filho deficiente.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SKLIAR, Carlos. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, Carlos(Org.). **Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial.** Porto Alegre: Mediação, 1997.

SOUZA, R.A. & PAGLIUCA, L.M.F. Educação em saúde como fator de participação da enfermeira na construção da cidadania do surdo: reflexão crítica. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem,** Rio de Janeiro, v.6, n.3, p.489-497, 2002.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história.** Tese de doutoramento.UFSC, 2008.

VALLE, Luiza Elena Leite Ribeiro do. Educação sexual para estudantes surdos. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia.** V.10, nº21, p.186-192. São Paulo: ABPp, 2005.



Zagury T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 2002.